

Papa Francisco, cinco anos

Em 13 de março de 2013, o mundo conheceu a novidade do pontificado do Papa Francisco. O primeiro papa latino-americano se apresentou apenas como “bispo de Roma” e não como “papa” ou “pastor universal da Igreja” ou outro título com o qual se conhece o sucessor do Apóstolo Pedro. Naquela ocasião, ele frisou que fora sido escolhido para a função de bispo de Roma alguém que vinha “quase do fim do mundo” e, antes de dar a bênção à multidão apinhada na Praça de São Pedro, foi ele a suplicar que o povo o abençoasse, inclinando-se diante de um grande e impressionante silêncio de todos. Francisco começou seu pontificado conclamando todos à oração silenciosa por seu ministério de bispo de Roma. Só após ter recebido a bênção de seu povo é que Francisco vestiu-se com a estola sacerdotal para abençoar o povo. Esse foi o primeiro de muitos gestos que têm feito de Francisco um papa que deu novo rosto para a Igreja. Sua fama cresceu enorme e velozmente, a ponto de ter sido escolhido pela revista norte-americana *Time* como a personalidade já no ano de 2013. Neste primeiro ano, Francisco foi por assim dizer uma unanimidade para todas as pessoas e grupos, dentro e fora da Igreja Católica.

Ainda em 2013, ele apresentou o texto *Evangelii gaudium* (a alegria do evangelho), no qual indicava as linhas-mestras do seu pontificado, tomando como inspiração intuições contidas nos ensinamentos de Paulo VI, principalmente na encíclica *Evangelii nuntiandi* (1975), e no mais recente documento dos bispos da América Latina e Caribe reunidos em Aparecida do Norte (2007). O resumo dessas linhas-mestras se encontra na expressão “Igreja em saída”, cujo significado remete à índole apostólica e missionária dos cristãos que vivem em meio aos desafios do mundo atual, com suas desigualdades sociais, com os ditames do império do consumismo e com o desenvolvimento avassalador de uma cultura que descarta e exclui pessoas e grupos.

A *Laudato si'*, sua encíclica sobre a ecologia, fala justamente de uma “ecologia integral”, sublinhando que não se pode falar de ecologia sem colocar o ser humano como seu tema principal. Assim, a busca da justiça e da paz no mundo tem sido a tônica da ação do Papa Francisco

dentro e fora da Igreja. O interessante é que a misericórdia se mostra o mote dessa ação. Com efeito, a instituição do jubileu ou ano santo da misericórdia, entre 2015 e 2016, celebrando o cinquentenário da conclusão do Concílio Vaticano II, tornou evidente este novo paradigma da ação da Igreja: Deus é misericórdia e a Igreja é chamada a ser misericordiosa como Deus.

Nesse sentido, Francisco tem sido um papa não de palavras, mas de gestos. Aqui está a grande novidade do seu magistério: não se ensina apenas com palavras, mas também com ações e atitudes. Recorde-se o gesto de morar na casa-hospedaria Santa Marta, tornando pública sua rotina de viver e trabalhar num espaço menor, mantendo o antigo Palácio Apostólico apenas para praxes protocolares de sua função de chefe da Igreja. O gesto de receber pessoas e grupos pequenos, bem como de telefonar diretamente a algumas pessoas para lhes oferecer conforto e apoio, quase como se fosse um simples pároco.

No entanto, o Papa Francisco tem demonstrado explicitamente sua intenção de articular ações dentro da Igreja e fora dela, no sentido de modificar as relações entre pessoas, grupos e nações. Pense-se, por exemplo, nos encontros com lideranças dos movimentos populares e sindicais, bem como o encontro de paz entre os líderes das duas Coreias e também entre os líderes de Cuba e Estados Unidos.

Com a assessoria do grupo de oito cardeais naquilo que considera sua reforma missionária no governo central da Igreja católica, Francisco tem procurado dar transparência e agilidade que os tempos atuais requerem de qualquer instituição. E não deve ser diferente para os organismos da Igreja. A configuração do colégio dos cardeais toma novo rosto e o Papa tem tido toda a liberdade para chamar à função de potenciais eleitores de seu sucessor clérigos que nem sempre vêm das chamadas "sedes cardinalícias", escolhendo mesmo de representantes provenientes de regiões consideradas de pouca importância. A nomeação dos bispos, porém, parece seguir a praxe comum solidificada há tempos, que consiste em deixar por conta das nunciaturas os processos de nomeações episcopais. Em situações tensas e difíceis como a verificada no Chile no início do primeiro semestre deste ano, bem se poderia ter ensaiado uma nova maneira de escolher os bispos, envolvendo mais a participação dos fiéis e demais segmentos e organizações pastorais de uma diocese.

Não há dúvida de que Francisco demonstra possuir qualidade e inteligência de líder. Mas, completando os cinco anos de pontificado, a unanimidade não é mais a mesma. São cada vez mais evidentes as manifestações de oposição às palavras, atitudes e gestos do Papa Francisco, dentro e fora da Igreja. O rosto mais misericordioso que ele pretende imprimir à Igreja não tem sido compartilhado por muitos fiéis e pastores católicos. Algumas lideranças eclesiais explicitaram publicamente seu dissenso a respeito da possibilidade da comunhão eucarística a casais

de segunda união, como se sugere em *Amoris laetitia* (a alegria do amor), um dos documentos magisteriais de Francisco. Outras lideranças mantiveram posturas principescas no sentido de não renunciar ao tradicional e conhecido estilo faustoso de membros da alta hierarquia eclesiástica.

No entanto, Francisco parece ter plena consciência da missão que possui. Não a vê como um simples cumprimento de tarefas ou execução da rotina burocrática de um líder de uma instituição plurissecular. Ele sabe que não poderá desempenhá-la se não tiver o auxílio de Deus. Em todos os lugares aonde vai é muito comum ele pedir: "Rezem por mim!" Essa atitude de humildade e confiança demonstra sua convicção de que sua missão como líder da Igreja não depende só dele e nem, muito menos, das estratégias e planejamentos humanos que adotar para o desempenho de sua tarefa. Há algo a mais que vai muito além da organização humana. Trata-se de deixar espaço à surpresa de Deus e considerar a história humana justamente como *humana* no sentido cristão deste termo, isto é, aberta, sem determinações e entregue à máxima e, ao mesmo tempo, mais frágil das qualidades humanas: a liberdade, sem a qual nada do que é humano se constrói. Em outras palavras, o *humano* para a visão cristã tem a ver com o *divino*. E este possui a qualidade de primazia e fundamento daquele.

Delmar Cardoso
Editor